

Para continuar a leitura recomendo a compra do ebook Carlos Marichal, *Nova História das grandes crises financeiras, 1873-2008*, no [Fundação Getúlio Vargas](#), [Rio de Janeiro, 2016].

## Capítulo 4

### **Origens da globalização contemporânea, 1973-1990: Por que houve o clímax e a crise da dívida externa dos países em desenvolvimento?**

Em 6 de outubro de 1973, os exércitos de terra e as forças aéreas do Egito e da Síria desfecharam um ataque maciço e simultâneo contra Israel. O exército egípcio conseguiu cruzar o Canal de Suez e ocupar uma parte do Deserto do Sinai, penetrando nas extensas defesas israelenses ali instaladas desde fins da guerra anterior (1967). Cerca de 1.700 tanques egípcios lograram derrotar as divisões armadas israelenses e provocaram uma baixa de aproximadamente 500 tanques em vários dias de combates. Mais ao norte, o exército da Síria invadiu as Colinas de Golan com 1.300 tanques e milhares de soldados de infantaria, o que deflagrou uma intensa batalha que durou duas semanas. Depois das derrotas sofridas de início, as forças armadas de Israel conseguiram fazer retroceder os seus oponentes, até o ponto de isolar o Terceiro Exército Egípcio no Sinai. Em 22 de outubro, as Nações Unidas adotaram uma resolução — apoiada pelo Conselho de Segurança — para instar as partes a um cessar fogo, que foi posto em prática pouco depois.

As hostilidades militares logo terminaram, mas a guerra econômica apenas começara. Desde meados de outubro, uma coalizão de nações árabes produtoras de petróleo adotaram uma estratégia coordenada para usar o “ouro negro” como instrumento de pressão contra os Estados Unidos e para fortalecer o próprio controle sobre seus recursos naturais, que desde muito tempo eram explorados pelas grandes petrolíferas anglo-americanas. Essa estratégia nacionalista não era uma surpresa. Em 15 de setembro, um mês antes da deflagração da guerra, seis países árabes, membros da Organização dos Países Produtores de Petróleo (OPEP), tinham anunciado um plano para pressionar por um aumento de sua participação no negócio petrolífero e exigiram um distanciamento de Israel por parte dos países importadores de petróleo. Em 16 de outubro, ratificaram uma duplicação do preço do óleo bruto e, pouco depois, um embargo às exportações para os Estados Unidos, por apoiar Israel na guerra.

Muitos analistas consideram que o choque petrolífero de fins de 1973 foi uma das principais causas da longa recessão que haveria de solapar um grande número de economias no mundo durante o decênio seguinte. Mas o preço do petróleo não foi o único fator a causar a prolongada queda do investimento nos países industriais. Outras variáveis estruturais ainda mais importantes foram geradas pelo enfraquecimento das indústrias dos Estados Unidos e da Europa Ocidental, assim como da União Soviética e da Europa do Leste, cujas economias entraram em uma etapa crítica, com taxas de crescimento muito baixas. A isso haveria de somar-se o naufrágio do sistema monetário de Bretton Woods o que, de 1971 a 1973, contribuiu para a crescente volatilidade dos mercados financeiros mundiais.

Apesar da recessão nos países industriais, desde 1974 produziu-se um surpreendente aumento dos fluxos de capital, em escala mundial, em grande parte canalizados para dívidas soberanas dos países em desenvolvimento, especialmente para a América Latina. Os maiores bancos de Estados Unidos, Europa e Japão aproveitaram a reciclagem de altos volumes de “petrodólares” para estender o alcance de seus negócios. Nas páginas seguintes, abordamos a resposta à seguinte questão: até que ponto é possível afirmar que os verdadeiros antecedentes da globalização financeira moderna se encontram nesses poderosos fluxos internacionais de capital dos anos 1970 a 1982?

Nesse contexto, o capítulo explora as causas imediatas e as consequências desagregadoras das crises de dívidas soberanas dos países em desenvolvimento, as quais tiveram início em 1982, logo após o anúncio da virtual suspensão de pagamentos pelo governo do México. As múltiplas moratórias para o pagamento da dívida externa, adotadas pela maioria dos países latinoamericanos, não lhes permitiam escapar de profundas e prolongadas recessões, que justificaram a alcunha de “década perdida” para a região. Durante alguns anos, a suspensão de pagamentos ameaçou uma parte importante do sistema bancário internacional. A prolongada crise foi tão forte que pode ser considerada um dos marcos fundamentais da história econômico-financeira moderna.